

Osório defende maior proteção à ecologia

“O Brasil é um dos maiores produtores de soja do mundo. Mas nós pagamos um preço muito elevado por isso: são um milhão de toneladas de agrotóxicos atiradas anualmente em nossa terra. Dela, escorrem para os rios e regressam exterminando a microfauna do próprio solo, as aves e os peixes, depois de passar pelas mesas dos brasileiros, contaminando os alimentos”.

A advertência foi feita ontem pelo candidato a senador pelo PFL, Osório Adriano, ao estabelecer suas prioridades na questão de ecologia e meio ambiente, e enbutidas em sua plataforma política para a Constituinte. Osório acredita que a nova Carta precisa ter instrumentos fortes para garantir a proteção das florestas naturais e da vida silvestre:

— O Brasil precisa crescer e desenvolver-se, mas não pode abandonar o uso racional de seus recursos minerais, o controle rigoroso da poluição industrial e dos esgotos urbanos, policiar os índices de poluição provocada pelos veículos automotores e dar atenção especial ao desmatamento da floresta amazônica e outras áreas verdes vitais para a manutenção do equilíbrio ecológico no País. Incentivos ao reflorestamento, reaparelhamento dos órgãos governamentais que protegem o meio ambiente e apoio aos programas de reciclagem de lixo urbano são outros aspectos importantes na proposta constituinte de Osório. Ele cita números que comprovam a falta de cuidados destinados a este setor no Brasil:

— Em 15 anos, de 1967 a 79, registraram-se 3.500 casos de envenenamento por agrotóxicos, dos quais 207 foram fatais. No entanto, a primeira lei que disciplinou o uso destes produtos só surgiu em 82, no Rio Grande do Sul. E os resultados foram imediatos, tanto que houve uma redução de 437 para 141 casos, de um ano para o seguinte — revela o candidato.

Na agricultura, continua Osório, a situação da poluição e descontrole no uso de produtos químicos perigosos é crítica. “A questão é que os agrotóxicos podem ser eficientes na erradicação de uma praga mas seu uso indiscriminado abre caminho para outras espécies diferentes, ou mutantes da primeira, que passam a ser resistentes ao veneno do produto”, explica Osório, que contabilizou

um crescimento do número de espécies conhecidas de pragas que atacavam a agricultura brasileira. Desde 1958, tanto as pragas conhecidas como as novas praticamente triplicaram de número.

— O desequilíbrio ecológico estimula o surgimento deste quadro assustador, associado ao aumento desnecessário do número de produtos agrotóxicos empregados na nossa agricultura. Em 1964, existiam 1.260 tipos diferentes e, em 80, já eram 4 mil — alerta Osório Adriano.

Mas o candidato preocupa-se também com os níveis de poluição e descontrole ambiental nas grandes concentrações urbanas. Há regiões específicas onde o quadro é desalentador. “Só a cidade industrial de Cubatão, em São Paulo, despeja 30 mil toneladas de poluentes por mês no meio ambiente. Não é à toa, portanto que a população seja a primeira a sofrer as consequências, com 11,5 por cento de habitantes portadores de algum tipo de deficiência física ou mental. Isso sem falarmos nos inúmeros casos de bebês que nascem sem cérebro”, continua ele.

Os efeitos prosseguem nos mais diversos setores, ressalta Osório. “Em Cubatão, o índice de acidentes de trabalho era de 31,18 por cento em 1979, enquanto a média nacional era dez vezes menor. A cidade paulista registra quatro vezes mais casos de tuberculose do que suas vizinhas. Não podemos mais pagar, pelo desenvolvimento econômico e a industrialização, um preço tão caro como o envenenamento do ar, da água e de nossos corpos. Como admitir que o rio Tietê, sozinho, tenha dois milhões de toneladas de detritos industriais e urbanos acumulados em seu leito? Como aceitar que o Lago Paranoá não esteja sendo despoluído simplesmente porque o governo não apresenta seus planos ao Banco Mundial, que vai pagar as despesas?”, pergunta o candidato.

Em Brasília, onde são poucas as indústrias e menor ainda o número de estabelecimentos poluentes, o controle não pode ser menos rigoroso. O trabalho de reciclagem do lixo é um dos caminhos:

— O perigo é constatar que a coleta de lixo no DF diminuiu de 83 para 84, com conseqüente redução do total de lixo com destinação controlada — finaliza Osório Adriano.